

Flores, C. (org.). (2019). *O sentido primeiro das coisas: Ensaaios sobre a obra de Maria Teresa Horta*. Escribas. Natal. Vol. II. 384 pp.

ELISANGELA DA ROCHA STEINMETZ<sup>1</sup>



Lançado em maio de 2019, *O sentido primeiro das coisas* (II volume) é fruto do dedicado trabalho de Conceição Flores, organizadora do livro, que traz ao público uma seleção de 25 textos em prosa da consagrada escritora Maria Teresa Horta, conhecida por uma escrita combativa, questionadora, inquietante e aprazível. Jornalista, poetisa, ficcionista, Maria Teresa Horta tem entre os traços marcantes de seu trabalho a causa feminista.

No conjunto que se apresenta, temos quatro ensaios que tratam da obra *Ambas as mãos sobre o corpo* (1970). O primeiro deles «“Secreto é o ruído / dos corpos / no combate”: erotismo e exílio em *Ambas as mãos sobre o corpo*», de Maria Teresa Horta, escrito por Andreia Oliveira, destaca o caráter transgressor e de alinhamento com a causa feminista na produção de Horta e analisa «predominante-

<sup>1</sup> Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa.

mente a parte I, uma vez que se procurará discutir as formas de e a relação entre erotismo e exílio através da personagem feminina que dá corpo à ficção» (p. 68). O estudo busca apontar como o próprio corpo feminino conta uma história, bem como o modo como se desdobra enquanto espaço de exílio para uma existência singular e enquanto mecanismo de contato e percepção com o outro, iluminando os espaços que o envolvem. Ressalta o caráter de «denúncia da sua condição de asfixia em relação a um mundo discriminatório» (p. 78), e a época em que o romance foi escrito «num período em que vigoravam um regime e uma mentalidade que condenavam o prazer que o corpo pode dar» (p. 79). Já em «*Ambas as mãos sobre o corpo: a gramática transformacional segundo Maria Teresa Horta*», de Eduardo Prado Coelho, nota-se os aspectos dos efeitos da construção narrativa, o modo como as falas se estabelecem, que «nunca pertencem a um processo de diálogo» (p. 111), o estatuto da ambiguidade que as cenas adquirem, a «incidência do simbólico» (p. 115). Entre outros aspectos apontados, destaca que na obra «a verdadeira história não é a frágil história que se conta, mas a história da transformação dos elementos que nela se conta ao contar» (p. 118). Por sua vez, em «Sobre narrativas e seu tecer-se em poesia e cinema: uma saudação a Teresa», de Laura Cavalcante Padilha, como o próprio título indica, o texto desdobra-se em considerações sobre o modo como a «narrativa, poesia e cinema se enlaçavam com seus

corpos artísticos a se suplementarem sem cessar» (p. 168), o que, vale dizer, é talvez um dos traços mais marcantes desse romance de Horta, que explora muito os aspectos sinestésicos, em especial o da visão, apresentando em cada cena uma iluminação específica que destaca objetos, personagens e sensações. Para além do estudo que faz, Padilha destaca o «deslumbramento» que sentiu «ao ler *Ambas as mãos sobre o corpo*» (p. 165), e faz uma breve contextualização do panorama histórico em que a obra vem a lume. Por fim, em «Corpo-prisão corpo-poesia: o corpo feminino em *Ambas as mãos sobre o corpo* (1970)», de Michelle Vasconcelos Oliveira do Nascimento, temos um estudo sobre o contexto poético e político: «o período ditatorial conhecido como Estado Novo Português, contra o qual Teresa Horta se posicionou, ocasionando perseguição política, tendo livros apreendidos, sendo presa e levada a julgamento» (p. 266). O texto segue seu curso pelo viés da discussão das questões relativas à opressão feminina relacionada «à construção identitária do ser mulher no mundo» (p. 276).

Outro conjunto de ensaios volta seu interesse ao estudo da obra *Novas Cartas Portuguesas* (1970), escrita por Horta em parceria com Maria Isabel Barreno e Maria Velho da Costa, que marcou profundamente o trajeto da escritora, visto ter sido este um trabalho que desencadeou a abertura de um processo contra as autoras, trazendo enorme repercussão, tanto no campo das artes como nos campos político

e social. Muitos dos ensaístas, ao abordarem a produção da escritora, mencionam algum aspecto desse texto, mas tratam especificamente da obra os seguintes artigos: «Maria Teresa Horta: primeiros escritos», de Ana Maria Domingues de Oliveira, que estabelece uma «associação [...] entre a obra precedente de Maria Teresa Horta e as *Novas cartas portuguesas*» (p. 34). É importante destacar que o livro traz «Um subtítulo que propõe as *Novas cartas portuguesas* como uma narrativa-síntese das obras anteriores de suas autoras» (p. 33). Assim a ensaísta segue estabelecendo uma possível leitura das relações entre *Novas cartas portuguesas* e, por exemplo, *Espelho inicial* (1960) e *Candelabro* (1964), entre outros, afirmando que «Em todos, Maria Teresa Horta demonstra a mesma coerência: poesia que evidencia uma forte e clara voz feminina, comprometida politicamente, sensual, e em permanente diálogo com outros textos da literatura portuguesa» (p. 36), trabalho que a estudiosa desenvolve também com muita coerência.

Em «Nova carta portuguesa», de Inês Pedrosa, temos um texto delicadamente singular, escrito no formato de uma carta. Nele, Pedrosa registra a influência que as *Novas cartas portuguesas*, bem como a obra de Maria Teresa Horta de forma mais abrangente, tiveram na sua própria vida: «contigo e com as outras duas Marias que contigo iam aprendi a interrogar a ordem das coisas, a razão dos deveres, o sentido dos actos e o significado das palavras» (p. 143). E conclui o seu texto com

ternas palavras de admiração: «É tanto o que te devo que uma carta não chega, minha senhora do futuro; mas tu sabes que tudo o que escrevi é uma imensa e infinita carta para ti» (p. 146). O texto de Inês Pedrosa nos convoca a pensar e, sensivelmente, a perceber o carácter transformador, formador e encantatório que vigora na literatura.

Outra obra da escritora tratada pela crítica nessa seleção é *Ana* (1974), num ensaio intitulado «*Ana*, de Maria Teresa Horta – um texto-espectáculo», de Ana Hatherly. Nele a ensaísta considera que «haveria um modo particularmente feminino de escrever e esse deveria ser posto em destaque, inclusive como arma, como signo da recusa da influência paternalista» (p. 31), ressalta a atividade de Horta como militante feminista, e afirma que «*Ana* é um texto paradigmático dessa ideologia. [...] texto e contexto são mais do que nunca indissociáveis e creio bem que se poderia nomeá-lo, se tal se desejasse, como o epítome da escrita feminina que se assume como tal, desligada do patrocínio da censura máscula» (p. 32). De acordo com Hatherly, em Portugal, Horta «tem sido uma das mais vigorosas defensoras dos direitos da mulher» (p. 31).

O romance *Ema* (1984) é abordado por dois artigos. O primeiro deles «*Ema* é corpo e solidão», de Aldinida Medeiros, traz um estudo sobre a condição feminina e os desdobramentos físicos e emocionais que recaem sobre Ema, sobre o corpo de Ema, corpo de mulher

que descobre prazeres solitários, que enfrenta a violência sexual e o abandono emocional: «Mergulhada em si mesma, a solidão salva-lhe o corpo invisível. E por isso, Ema é corpo e solidão». (p. 28). O segundo, intitulado «*Ema, o feminismo e a pós-modernidade*», de Tereza Isabel de Carvalho, aponta a narrativa como «uma obra pós-moderna» (p. 325); traço que evidencia tanto pelo tema abordado, como pelos recursos estilísticos empregados na construção do texto. A estudiosa observa, entre outros aspectos, a relação que a construção da personagem Ema estabelece com elementos de outras áreas artísticas, como a pintura e a escultura, bem como a fragmentação e as repetições da trama. Explora ainda questões relativas ao espaço (o espaço da casa), à condição social da figura feminina, e conclui que «a obra expressa muito bem, tanto no tema quanto na forma, os desequilíbrios e contradições inevitáveis em momentos de transformações profundas como o que estamos vivendo e que vem sendo chamado de pós-modernidade» (p. 350).

A obra *A paixão segundo Constança H.*, por sua vez, será o tema de três ensaios: «“Durar é melhor que arder?” A *Via Crucis* da paixão em Maria Teresa Horta e Clarice Lispector», de Angela Beatriz de Carvalho Faria, que trata de questões de intertextualidade e hibridismo (a presença de diferentes gêneros textuais na composição do texto) presentes na narrativa; «*A paixão segundo Constança H.*, de Maria Teresa Horta: o “desconforto” de “uma” condição feminina», de Fernanda Botelho, destaca a re-

levância da multiplicidade de «gêneros (literários ou não)» (p. 125) presentes ao longo do romance e que lhe confere «complexidade» (p. 125). Por seu turno, um outro ensaio analisa a condição social da mulher; em «“Escrita Feminina” e “no feminino”», Miguel Real registra, entre outros aspectos, que «*A Paixão Segundo Constança H.*, [...] condensa, nas suas três centenas de páginas, o retrato absoluto e perfeito do que se convencionou designar por “escrita feminina” na história da literatura do século XX, designação que o nosso século, após a indubitável libertação e independência da mulher nos últimos 50 anos, está substituindo por “escrita no feminino”» (p. 281). Segundo Real, esse romance «concentra o universo semântico dos valores femininos como raras vezes se viu na nossa literatura» (p. 283).

*As luzes de Leonor*, por sua vez, será motivo de cinco ensaios. No primeiro deles, «*As luzes de Leonor: uma poética do belo*», de Ana Marques Gastão, são apresentados brevemente alguns dados biográficos de Leonor d’Almeida Portugal Lorena e Lencastre, que é a figura a inspirar a protagonista do romance. Feito isso, a ensaísta segue comentando a presença de marcas estéticas ligadas a diferentes épocas – cenários, como os das ficções de cavalaria ou epistolares, intercalados com elementos que vão do Medievalismo ao Barroco, do Romantismo ao Simbolismo e ao Surrealismo, ficando o texto embebido tanto nos valores da cultura clerical da época como nos de uma estética profana (p. 48).

São ainda parte do seu estudo questões como o hibridismo de gêneros, a intertextualidade e o aspecto transgressor da figura feminina. O segundo, «A chama inquieta: razão e voo em *As luzes de Leonor* de Maria Teresa Horta», de Isabel Cristina Rodrigues, inicia-se apresentando alguns pontos da trajetória poética de Horta e, depois, dedica-se, na maior parte, à estrutura que apresenta o romance e às relações que são a partir daí estabelecidas. «*As luzes de Leonor* é constituído por quatro partes: um poema inicial [...]; o sector “Raízes” [...]; a secção “Memória” [...]; e, por último, um segmento temporal apenas designado pela referência explícita aos limites cronológicos (por exemplo, 1754-1758)» (p. 150). No terceiro texto, a tratar do mesmo romance, «*As luzes de Leonor*, de Maria Teresa Horta: uma lição de hermenêutica», Maria Luísa Malato centra-se na questão acerca do modo como a linguagem é utilizada e os efeitos por esse modo produzidos. Já o texto «*As luzes de Leonor*: Virginia Woolf, Maria Teresa Horta e a Marquesa de Alorna», de Teresa Sousa de Almeida, observa aspectos em Virginia e Teresa sobre a arte de elaborar uma «biografia» que é um romance; comenta elementos relativos à estrutura do texto e os relativos aos laços entre Horta e Alorna. Por fim, «Notas sobre *As luzes de Leonor* e *Poemas para Leonor* de Maria Teresa Horta», de Vanda Anastácio, traz ao leitor um estudo profícuo entre a relação de dois textos de Horta, con-

forme sugerido no título do ensaio. Anastácio mostra que

Uma leitura atenta e o confronto entre ambas as obras, permite perceber a existência de inúmeros nexos de sentido que as aproximam, bem como o modo como personagens, temáticas e pormenores simbólicos contidos em cada uma iluminam, ilustram e aprofundam as diversas facetas atribuídas à figura histórica de D. Leonor de Almeida Portugal avançadas em cada uma (p. 353).

A obra *A dama e o unicórnio* (2013) surge no ensaio «Algumas reflexões sobre *A Dama e o Unicórnio*, de Maria Teresa Horta», de Maria João Reynaud. Como explica: «O livro *A Dama e o Unicórnio* foi artisticamente concebido para o ciclo de poemas que Maria Teresa Horta consagra à celebre obra-prima da tapeçaria tardomedieval (*La Dame à la licorne*)» (p. 215); Reynaud comenta a tapeçaria e as relações com ela estabelecidas por Horta ao criar os poemas do livro, e analisa as questões relacionadas à organização do conjunto, à convocação dos sentidos e aos aspectos simbólicos presentes em ambas as obras de arte. Cabe registrar que «O pórtico deste *livro-poema* (sem numeração de páginas) convoca o leitor para um universo mítico edificado por uma imaginação prodigiosa e que tem como pano de fundo não só as telas, mas as diversas interpretações que elas têm produzido, algumas das quais em clave esotérica» (p. 217).



Da obra *Meninas* (2014), que traz um conjunto de 32 contos protagonizados por personagens que habitam o universo da infância, o artigo «“Depois das palavras vêm as palavras”: As Meninas de Maria Teresa Horta», de Mauro Dunder e Nicole Guim de Oliveira, destaca o conto «Daninha». Atentos às questões conflituosas que cercam a existência feminina, ao caráter oposto das palavras e ao modo como as palavras podem constituir um espaço de libertação, os autores acentuam que «Na literatura portuguesa contemporânea, poucos escritores trouxeram à tona esse caráter duplo da palavra tão agudamente quanto Maria Teresa Horta, para quem a palavra é, ao mesmo tempo, signo de denúncia e grito de liberdade» (p. 253).

Já «A poética de Maria Teresa Horta e um entendimento distinto de Maria», de Patrícia Reis, elege para seu estudo o livro *Anunciações* (2016) e analisa o modo como Horta confere, neste texto, à personagem da mãe de Cristo uma nova perspectiva que rompe com os dogmas da Igreja: «Para alguns, esta abordagem que Maria Teresa Horta desenha de Maria pode ser tida como heresia na medida em que há uma desconstrução do que é aceite pelo Catecismo da Igreja Católica» (p. 286).

Temos ainda outros trabalhos sobre a obra da autora: «Incisões do desejo: Maria Teresa Horta ou a subversão do desejo», de António Ramos Rosa, que analisa a relação entre sensualidade, corpo e desejo na poesia de Horta; «Maria Te-

resa Horta: sob o signo de Eros», de Helena de Vasconcelos, cujo foco será o erotismo e o erotismo como tensão política: «Uma poesia Nova», de Gastão Cruz, que exalta a eficácia ideológica e estilística em Maria Teresa Horta:

Um discurso rápido, sincopado, com um forte sentido rítmico, marca, desde o começo, esta poesia «insubordinada», de um erotismo ostensivo, uma sensualidade liberta, entendidos, [...], como algo político, uma forma de contestação do moralismo balofo e sórdido que sufocava Portugal (p. 129).

«Uma nota pessoal», de António Chagas Rosa, é o relato do ensaísta sobre o seu deleite, fruição mediante a leitura dos poemas de Horta, o seu trabalho enquanto músico ligado à poesia da autora e o resultado belo e encantador que nasce desse encontro. Por fim, em «O jornalismo hortiano: a palavra repartida entre o facto, o mito e a memória», de Maria João Faustino, temos um minucioso trabalho que relata a trajetória de Maria Teresa Horta no campo do jornalismo, mapeando os lugares em que trabalhou, destacando entrevistas realizadas, observando as dificuldades e as condições de trabalho que a época impunha, a dedicação à pesquisa e, entre outros pontos, o comprometimento da autora com a questão da memória e resgate de figuras femininas silenciadas e esquecidas:

O diagnóstico do social a que se propõe Maria Teresa Horta, ao longo de quase quatro dé-

cadras de exercício profissional, apontam para um jornalismo investigativo em sentido amplo, que não deve deter-se na superfície e actualidade dos fenómenos. Este compromisso com uma certa arqueologia das dinâmicas sociais, do levantamento histórico como reparador de uma narrativa oficial lacunar, redundará por vezes numa certa *militância pela memória*. (p. 211)

Assim, para o leitor de Maria Teresa Horta, a obra *Ensaio sobre a obra de Maria Teresa Horta (II volume)*. *O sentido primeiro das coisas* será, sem dúvida, uma rica fonte para ampliar o horizonte hermenêutico dos textos que já leu, mas também o deixará instigado a buscar, o quanto antes, os títulos que por acaso ainda desconheça. Poderá o leitor refletir com os diálogos que se estabelecem entre os artigos: ora porque, eventualmente, citam outro texto

presente na seleção, ora porque apresentam informações que acrescentam à compreensão mais profunda dos demais ensaios que se dedicam à mesma obra. Para aqueles que ainda não tenham lido a escritora portuguesa, será esse livro um convite irrecusável pela trajetória que seus ensaios exploram, pela produção da autora, pelo modo como, alguns deles, apresentando a obra da autora, revelam sua admiração por ela e a influência que ele exerceu em suas vidas. Se a leitura desse livro instrui e cria espaço para reflexões e novos questionamentos, deve-se dizer que também encanta, pois, no terreno da crítica literária, onde tem suas raízes, não raro esses estudos deixam transparecer certa atmosfera bela e poderosa, que fascina esses estudiosos tão íntimos das palavras, a ponto de serem, também eles, artífices da beleza na forma como se expressam.